

Mossoró: a cidade como Região

Bruno Balbino Aires da Costa¹

RESUMO

A partir da análise do livro *Mossoró, região e cidade* (1980) do intelectual Luís da Câmara Cascudo é que nos detemos na emergência de Mossoró como uma cidade-região construída a partir dos investimentos políticos, econômicos e culturais do poder público mossoroense que através da elaboração discursiva da região Oeste, lança Mossoró como um espaço que ultrapassa os limites urbanos para se redimensionar como região. Nesse trabalho, localizamos historicamente o livro *Mossoró, região e cidade* (1980) para apontá-lo como parte integrante da produção discursiva em torno da região Oeste que tem como centro Mossoró. Sendo assim, indicamos como os textos cascudianos, reunidos por Vingt-un Rosado, fizeram parte da estratégia discursiva da instituição identitária da região Oeste, redimensionando a cidade de Mossoró em outro plano de espacialidade.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; região; cidade

ABSTRACT

From the analysis of the book *Mossoró, região e cidade* (1980) of the intellectual Luís da Câmara Cascudo Cascudo is that we stop the emergence of Mossoró-region as a city built from the political investment, economic and cultural power that through public mossoroense discursive elaboration of the West, as a space launch Mossoró that pushes the boundaries to resize as urban region. In this work, we located the book historically *Mossoró, região e cidade* (1980) to appoint him as part of the discursive production around the western region that is centered in Mossoró. Therefore, we set cascudianos texts, assembled by Vingt-un Rosado, were part of the discursive strategy of the institution of the western region of identity, reshaping the city of Mossoró another plane of spatiality.

Keywords: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; region; country

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, na área de concentração de História e Espaços, e professor temporário do departamento de História da mesma universidade.

RESUMEN

A partir del análisis del libro *Mossoró, região e cidade* (1980) del intelectual Luís da Câmara Cascudo intelectual es que dejamos la aparición de Mossoró - región como una ciudad construida a partir de la inversión política, económica y cultural que elaboran discursos acerca da “região Oeste”, haciendo este espacio extrapolar los límites para cambiar el tamaño como la región urbana. En este trabajo, se encuentra el libro de la historia *Mossoró, região e cidade* (1980) que lo designe como parte de la producción discursiva de la “região Oeste”, que se centra en Mossoró. Por lo tanto, hemos creado los textos cascudianos, reunidos por Vingt-un Rosado, fueron parte de la estrategia discursiva de la institución de la “região Oeste”, de la identidad, la remodelación de la ciudad de Mossoró otro plano de la espacialidad.

Palabras clave: Luís da Câmara Cascudo, Mossoró, região, ciudad

Como historiador dos espaços, Luís da Câmara Cascudo a todo instante resignifica os sentidos em torno das diversas categoriais espaciais, tais como: a nação, a região, o sertão e a cidade. Cascudo redefine as posições das espacialidades fazendo tais categoriais se imbricarem uma na outra, formando um cadinho, um palimpsesto de espaços que se cruzam e entrecruzam ao longo de suas narrativas.

É nesse sentido que Luís da Câmara Cascudo pensa Mossoró. Uma espacialidade que sucumbe a categoria de cidade, extrapolando seus limites urbanísticos, apresentando-a também como região. Esta não se encontra para ele como um município comum. Pelo contrário! Cascudo estabelece para Mossoró, uma posição singular que a define e a diferencia de qualquer outra urbe.

No entanto, a construção cascudiana que destina a Mossoró um lugar diferenciado em relação aos outros domínios do Estado esteve vinculado aos interesses das esferas do poder público do município que criou a partir da década de cinquenta e sessenta subsídios para que Mossoró ganhasse uma posição de destaque no cenário Estadual. Não queremos superestimar aqui a atuação de Luís da Câmara Cascudo como construtor da cidade enquanto espaço-distinto evocado constantemente por outras categoriais espaciais, como, por exemplo: a cidade enquanto região ou como “país”, mas partiremos da apropriação que o poder político mossoroense fez do prestígio e do trabalho de Cascudo para respaldar no âmbito intelectual a projeção da cidade de Mossoró.

Sendo assim, a escrita cascudiana sobre a história mossoroense, se coaduna com a emergência de Mossoró como cidade-região-pólo, que pode ser datada a partir da

década de cinquenta até os anos oitenta do século XX, quando a organização familiar dos Rosados reorienta sua atuação no cenário político do Estado do Rio Grande do Norte.

Com o desastre aéreo que levou a morte o Governador Dix-sept Rosado no dia 12 de julho de 1951, os Rosados redirecionam os rumos do processo político tanto no âmbito local como a nível estadual. A perda do primeiro representante dos Rosados no governo do Estado permitiu que a organização familiar reordenasse espacialmente a cidade de Mossoró com o objetivo de canalizar o rearranjo do poder no cenário do município. Concomitante a esse movimento as concepções em torno da espacialização da cidade de Mossoró vão sendo modificadas e redimensionadas para outros níveis de espacialidades, tal como “país”, como demonstra José Lacerda Alves Felipe:

A cidade imaginada agora não cabe no Rio Grande do Norte. É a Cidade-Estado- um ente coletivo imagético capaz de garantir o domínio dos Rosados nesse território que os mesmos tentam transformar em lugar. Neste sentido, o domínio de fato é mascarado pelo discurso da permanência e o lugar re(inventado) é um “país”, onde o grupo político e familiar é reconhecido por todos, inserindo a família e o seu domínio político nos signos identitários do lugar. (FELIPE, 2001.p.142-143)

Assim, a cidade de Mossoró é pensada e construída como um “país”, como uma *comunidade* que possibilita todo um aparelho identitário que permite os membros se sentirem participantes de uma rede que é *imaginada*, imaginária e simbólica.²

A resignificação espacial em torno da cidade, projetada agora como espaço diferenciado em relação ao Estado emerge na década de cinquenta, mas vai sendo urdida durante as décadas de sessenta e setenta quando o município de Mossoró se torna

² Lançamos mão do pensamento do intelectual Benedict Anderson para nos instrumentalizar acerca do caráter imaginativo da comunidade, cuja delimitação é representada pela nação. Obviamente, que a categoria espacial que Anderson analisa é a nação. No entanto, nos apropriamos de sua abordagem para perceber como a ideia de Mossoró como “país” vai sendo construída a partir de um referencial calcado na comunidade e no imaginário, categorias essas propostas pela abordagem de Benedict Anderson. Desta maneira, o autor entende a nação como comunidade imaginada, simbólica, afetiva chamando atenção para percebermos a dimensão imaginária e imaginativa dos espaços. A nação é definida como uma comunidade política e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008)

sede de vários congressos científicos que tinham como caráter promover estudos acerca dos diversos temas da nação, da região e da própria cidade, como demonstra o discurso de encerramento pronunciado por Vingt-Un Rosado, presidente de honra do evento, no VIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia realizado em 1975:

Esta noite marca na história do **país de Mossoró** (grifo nosso) o encerramento de uma jornada inesquecível de ciência, de técnica, de sensibilidade, de integração da gente do continente brasileiro (...) A cidade foi enriquecida no seu patrimônio espiritual e científico. Os mestres, os grandes mestres da ciência das fitomoléstias conheceram Mossoró, sua gente, seu povo, seus milhões de cajueiros sedentos de orientação técnica para que os valentes projetos da cajucultura **regional** (grifo nosso) não se transformem no doloroso desastre econômico causado pela ontracnose, pela mosca branca e sei lá com quantas doenças e pragas outras a caatinga se vingaria pela quebra do equilíbrio biológico (...) Se eu pudesse dizer uma saudação sincera de agradecimento aos cientistas do Brasil que aqui estiveram, eu falaria assim: Pelo país de Mossoró, muito obrigado. (ROSADO, 1988, p.171)

A realização da XV Assembléia da Associação de Geógrafos Brasileiros em 1960, que contou com a participação de vários intelectuais de renome nacional, como Milton Santos e o próprio Luís da Câmara Cascudo (A REPÚBLICA, 1960), juntamente com II Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1961, o XXV Congresso Nacional de Botânica em 1974, o VIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia em 1975, o II Congresso Brasileiro de Florestas Tropicais em 1976, o V Encontro de Malacologistas em 1977, I Congresso Brasileiro de Agrometeorologia em 1979, dentre outros, possibilitaram uma reunião de diversos saberes, sobretudo, aqueles voltados para a geografia e a geologia de Mossoró e da Região Oeste. (ROSADO, 1988)

Entretanto, a reorientação em torno da projeção espacial da cidade de Mossoró, não atendeu somente os interesses do grupo familiar, a intelectualidade mossoroense também contribuiu para que houvesse uma construção de um saber voltado para o estudo da cidade e das regiões vizinhas.

No dia 30 de setembro de 1957, foi fundado, em Mossoró, o Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), instituição esta que reunia os principais intelectuais da cidade e do Estado, tais como: José Batista Cascudo Rodrigues, Moacir de Lucena, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, José Leite, Jaime Hipólito Dantas, Manuel Leonardo

Nogueira, dentre outros. O ICOP tinha como finalidade estudar os vários aspectos da cultura local e regional, sobretudo, de Mossoró e da região Oeste, tendo como órgão divulgador e difusor destas pesquisas e destes estudos a *Revista Oeste* que começou a circular um ano depois da fundação do referido Instituto.

A atuação do ICOP na expansão e na publicação de artigos e de estudos via Revista OESTE sobre temáticas da cultura, da história e da geografia de Mossoró e da região Oeste, permitiu no campo do saber posicionar Mossoró como cidade pólo, centro da região Oeste do Rio Grande do Norte.

É importante assinalar que a denominação Oeste ainda não se efetivara no quadro oficial de divisão do Estado naquele período. A expressão “Oeste Potiguar” enquanto região administrativa do Rio Grande do Norte só foi possível em 1975 quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) organizou os Estados brasileiros em mesorregiões. Para efeito estatístico e para o planejamento administrativo e econômico, o Estado norte-rio-grandense foi dividido, pela fundação IBGE, em três mesorregiões, compreendendo a do Oeste Potiguar quatro microrregiões, a Central Potiguar também quatro microrregiões e a de Natal. (ANDRADE, 1981, p.37)

Assim, podemos perceber que antes mesmo da divisão política e administrativa do Estado em mesorregiões, como a do Oeste Potiguar, em 1975, houve uma construção discursiva e historiográfica em torno da região Oeste localizada temporalmente a partir do final da década de cinquenta, restando ao IBGE oficializar essa organização espacial cuja instituição se deu primeiramente no âmbito intelectual.

Por conseguinte, essa produção da espacialidade regional (OESTE) não esteve inscrita na natureza, antes emergiu da construção discursiva em torno do Oeste, no qual teve como agente formadora e financiadora a intelectualidade da cidade de Mossoró que através da revista OESTE e das reuniões institucionais do ICOP ocorridas no município mossoroense elaboraram um conjunto de saberes que demarcaram uma identidade espacial em torno da região circunscrevendo e aglutinando a história, a geografia e a cultura das cidades circunvizinhas neste projeto identitário tendo como centro polarizador Mossoró.

Vale ressaltar que além da atuação do ICOP e da Revista OESTE, a *Coleção Mossoroense* através de Vingt-un Rosado atuou também como elemento propagador dessa construção identitária regional. Vários livros e plaquetes foram escritos e

publicados durante as décadas de setenta e oitenta do século XX com o intuito de esquadriñar as memórias, a história, a geografia em torno da região do Oeste Potiguar.

O próprio Luís da Câmara Cascudo participa dessa construção discursiva e identitária em torno da região Oeste Potiguar. Logo no lançamento da primeira revista OESTE em 1958, Luís da Câmara Cascudo publica um artigo intitulado *Sob o signo das Catoplepas* no qual dirige severas críticas ao desajustamento econômico, fruto talvez da inflação daquele ano, que desvaloriza o salário e aumenta o preço permitindo uma autofagia, daí a analogia com o Catoplepas, da economia brasileira. Mesmo não versando sobre a temática da cultura local, mas sim analisando a situação econômica do país, a contribuição do artigo de Luís da Câmara Cascudo se coloca como lugar de importância no sentido de projetar intelectualmente a própria revista.

Entretanto, a contribuição de Cascudo para a “invenção” do Oeste não se restringiu apenas a publicação de artigos na revista OESTE. Sua contribuição para essa teia identitária se deu na produção do livro *Mossoró, Região e Cidade* no início da década de oitenta, no qual Vingt-un Rosado organizou uma coletânea de crônicas publicadas por Câmara Cascudo no jornal *A República* durante os anos de 1921 a 1960, versando sobre temas vinculados aos aspectos da história política, social, intelectual e econômica de Mossoró e do que seria a região Oeste.

A obra *Mossoró, Região e Cidade* (1980) foi publicada em razão do trigésimo aniversário da “Batalha da Cultura”³. Em seu prefácio, escrito em março de 1978, João Batista Cascudo Rodrigues destaca a justificativa do livro e, conseqüentemente, sua contribuição e seu objetivo. Vejamos:

Dimensão e realidade que Luís da Câmara Cascudo explora, fundamentalmente, em sua série programa de ACTA DIURNA e estudos complementares, também reunidos nesta publicação. Expressão do pensamento cascudiano que aflorou, predominantemente, no seu dia-a-dia de eminente trabalhador do espírito. Daí, em resultante lógica e impressiva, desfilam “ um livro, uma figura ou um episódio, atual ou antigo.”

Conta situar Mossoró no plano de cidade e região, cuja relação Câmara Cascudo descobre no seu desenvolvimento histórico-cultural (...) Cidade trepidante pelo impulso criador de suas forças

³ Movimento surgido no final dos anos quarenta em Mossoró, encabeçado pelo prefeito da cidade, Dixsept Rosado (1948) e seu irmão Vingt-un Rosado, cujo objetivo foi a construção da identidade cultural do espaço mossoroense. (COSTA, 2011)

vivas e modeladoras do seu futuro, cuja consolidação impõe a presença de esforço crescentemente comunitário.

Região que não se deve confinar nos limites estreitos da geografia norte-rio-grandense, porque a sua predestinação histórica exige a permanência de sua função marcadamente integradora de áreas convergentes do Ceará e Paraíba, sob a ação polarizadora da cidade de Mossoró.

Saudando Luís da Câmara Cascudo, em seus oitenta anos de vida fecunda e superiormente devotada à cultura brasileira, esta adesão de Mossoró é indicativa da fidelidade ao seu historiador. (CASCUDO, 1980, p.10-11)

“Conta situar Mossoró no plano de cidade e região.” Seria redundante remetermos aqui ao objetivo do livro de Vingt-un e de Cascudo. Embora, o livro *Mossoró, Região e Cidade* tenha como autor Luís da Câmara Cascudo chamamos atenção para dimensão estratégica desta autoria. Na verdade, o referido livro possui uma dupla autoria, tendo em vista que a organização dos artigos de Cascudo escritos na década de vinte até sessenta sobre Mossoró e as cidades que compõem o que seria a região Oeste, foi realizada por Vingt-un Rosado. Quando Cascudo escreveu os artigos que foram publicados primeiramente no Jornal *A República*, sua intenção não era construir uma identidade entre as “cidades do Oeste” e Mossoró. Os artigos de Cascudo foram publicados separadamente e em outros momentos históricos não correspondendo necessariamente à emergência da estratégia discursiva em torno da construção espacial Mossoró como região. Foi Vingt-un que se utilizou das narrativas de Cascudo reunidas em um livro, cujo objetivo foi a produção de uma identidade espacial para região Oeste a partir de Mossoró. Assim, entendemos que o livro *Mossoró, Região e Cidade* tem uma dupla autoria: Vingt-un Rosado e Luís da Câmara Cascudo.

Não é por acaso que os primeiros capítulos da obra têm como destaque o início dos movimentos da história política de Mossoró. A região oeste nasceria com o surgimento do município mossoroense, ligando a evolução política da referida cidade com a região. Esta seria enquadrada como “Região Mossoroense” que compreenderia desde o litoral de Macau e Areia Branca, com a agregação do Vale do Açu à comunidade microrregional. Desse modo, a estrutura narrativa do livro se estabelece primeiramente em Mossoró e vai sendo distribuída para as outras cidades adjacentes.

Mossoró, região e cidade (1980) põe em evidência a *urbe* mossoroense como um espaço que influenciou toda uma região através do processo de colonização e de

conquista, bem como na fundação de paróquias, vilas e cidades vizinhas, narrando temas relacionados não só a história da cidade, mas também de toda região Oeste.

Desta maneira, a estrutura da narrativa cascudiana mostra como a construção histórica do Oeste potiguar foi feita por homens imbuídos de suas crenças, convicções e lendas, além das oportunidades que o meio ofereceu, tecendo sem destaque hierárquico, o homem, seja branco, negro ou índio, e o meio geográfico, com suas serras, grutas, rios, clima, fauna e flora. (ARAÚJO, 2003, p.199)

A vida de alguns homens, como: Pe. Luiz Mota, Augêncio Miranda, Pe. Longino, Antônio Filgueira, Duó, Jesuíno Brilhante, dentre outros, se coloca de forma estratégica para destacar uma singularidade “desse ou daquele personagem, a fim que o leitor perceba os acontecimentos históricos da região e de suas cidades, como que querendo partilhar na leitura o cotidiano vivido no sertão mossoroense e adjacências.” (Idem) A exemplo destes homens que caracterizariam a região Oeste, o sertão norte-rio-grandense, seria Jesuíno Brilhante, no qual Câmara Cascudo fez a seguinte descrição no jornal *A República* do dia 31 de maio de 1942, tendo sido publicado também no livro *Mossoró, Região e Cidade* em 1980:

Na história dos cangaceiros, heróis-e-bandidos, como chamou Gustavo Barroso, Jesuíno Brilhante é o primeiro na memória do Oeste norte-rio-grandense. Deixou funda lembrança de valentia, destemor e fidalguia. Era o out-law gentilhomem, imperioso, arrebatado, incapaz de um insulto por vaidade ou de uma agressão inútil. Tem a popularidade inestinguível de um Robin Hood, o selvagem de Sherwood, ou de um Stenka Razin, soberano dos barqueiros de Volga. Contam suas façanhas, predicados, gestos caridades, num orgulho em que há participação psicológica de solidariedade instintiva, Jesuíno foi o vingador moças ultrajadas, dos anciãos humilhados e das crianças indefesas. Era irresistível. Estava em toda parte. Viveu, perigosamente, arrogando-se à invulnerabilidade dos predestinados. (CASCUDO, 1980, p.73)

Para Luís da Câmara Cascudo o cangaceiro nasce a partir das relações intrínsecas da sociedade sertaneja. “Homem de armas, armas que o vaqueiro guarda na fazenda do patrão, a ele confiada para a defesa do bem comum, bens do amo e valentia do escravo.” (CASCUDO, 1980, p.73) O cangaceiro surge, portanto, da “síntese” dos elementos do senhor com a disposição valente dos escravos.

Esta visão romanceada do Cangaço foi herdada do ensaísta cearense Gustavo Barroso, sobretudo, dos seus livros *Terra do Sol* (1912) e *Heróis e Bandidos* (1917). Um cangaceiro robbinwoodiano, generoso, valente, solidário premido pelas circunstâncias do seu meio social, da raça e da sua formação social. Tais características são tomadas por Gustavo Barroso como parte do complexo sociológico em torno do “banditismo” sertanejo.⁴ Não queremos aqui nos aprofundar nas veiculações teóricas acerca do cangaço, mas sim apontá-lo como parte integrante de uma teia identitária construída nas primeiras décadas do século XX para compor juntamente com o messianismo, a seca, o coronelismo os temas vinculados a região Nordeste. (ALBUQUERQUE, 2009, p.61-62)

O cangaço como as outras temáticas deram ao Nordeste o suporte temático e identitário que teceriam os discursos e as imagens destinadas a este espaço. Dá violência e da bravura dos cangaceiros veio os discursos em torno da masculinidade e da coragem de lidar com o meio tão adverso que assolava o homem sertanejo, cenários estes descritos e romanceados pelos literatos e romancistas do movimento regionalista do Recife, bem como de outras expressões da literatura nacional dos anos vinte e trinta do século XX.

A partir da literatura e da escrita da história a figura do cangaceiro vai se encontrando com a do sertanejo numa estratégia identitária. Embebido dessas tendências literárias, Vingt-un Rosado Maia publica pela *Coleção Mossoroense* em 1997 um livro intitulado de *Pequena Cantoria de Mário de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca* como edição comemorativa dos sessenta anos da resistência mossoroense ao ataque do bando de Lampião ocorrido na cidade em 27 de junho de 1927.

Este livro comemorativo reuniu uma série de cantorias e comentários de Mário de Andrade e de Luís da Câmara Cascudo sobre os dois cangaceiros, Lampião e Jararaca, nos anos trinta e sessenta, respectivamente. De Mário de Andrade, Vingt-un Rosado publicou o *Romanceiro de lampeão*, publicado anteriormente pela Revista Nova em 1932. De Cascudo foi publicado *Flor de Romances Trágicos* em 1966. Ambos aludem aspectos em torno do Cangaço e dos cangaceiros, mas também do universo

⁴ “(...) minucioso estudo de acontecimentos periódicos, do meio, da raça, da formação social, são as únicas bases para um sistema de idéias que nos dê as razões explicativas do banditismo sertanejo.” (BARROSO, 1917, p.16)

histórico concernente ao ataque de Lampião a Mossoró no final da década de vinte. Sobre este livro Vicente Serejo⁵ comenta:

O Brasil ouviu, várias vezes, a cantoria de Mário de Andrade e Câmara Cascudo sobre Lampião, o cangaço e os cangaceiros. Agora é a vez de Mossoró pelas mãos de Vingt-un Rosado, promover o milagre do encontro. Antes, a **Coleção Mossoroense** (sic) já publicara estudos de Cascudo sobre cangaço e cangaceiros. Mas aqui é o encontro de Mário de Andrade e Câmara Cascudo, Lampião e Jararaca. Para uma pequena cantoria sobre aquele tempo mágico de homens valentes no sertão de espinhos e de flores. (SEREJO, 1997, p.14)

Tanto na cantoria como nos comentários de Mário de Andrade e de Luís da Câmara Cascudo a figura dos dois cangaceiros, Lampião e Jararaca, são colocados para evidenciar o acontecimento histórico em torno da resistência mossoroense. Obviamente que tal evidência foi organizada e selecionada por Vingt-un Rosado quando publicou o livro sobre os referidos autores e os cangaceiros. Dessa maneira, as construções cascudiana e marioandradiana são postas de forma estratégica, pois o que compete é a abordar a temática do cangaceiro a partir de sua ligação com o evento da resistência em Mossoró. Não é a toa, que nas últimas páginas do *Romanceiro de Lampeão*(1932) há referências de Mário sobre o ataque de Lampião ao município mossoroense, e que Vingt-un Rosado grifa em negrito: **“Os dois fatos porventura mais curiosos da vida de Lampeão(sic) são a ida a Joazeiro(sic) e o assalto em Mossoró em 1927.** Ambos os fatos estão variamente cantados no romanceiro de Lampeão.” (ROSADO, 1997, p.43) Mário de Andrade produz uma cantoria sobre a resistência de Mossoró e, conseqüentemente, a derrota de Lampião:

Lampeão (sic) foi se meter
 A atacar Mossoró
 Pensou que era Ceará
 Que polícia tinha dó
 Quase apanha de macaca
 E Colchete e Jararaca
 Esses ficaram no quichó. (ROSADO, p.56)

⁵ Responsável pela introdução do livro.

Na mesma direção a cantoria reunida e os comentários de Luís da Câmara Cascudo sobre Jararaca e a resistência de Mossoró a Lampião foram evidenciadas. Cascudo, porém, avoluma mais do que Mário de Andrade acerca do referido acontecimento histórico em Mossoró. Citando diversos autores e romancistas locais, Câmara Cascudo alia cantoria com a história a fim de estabelecer um arrazoado sobre a literatura de cordel e a trajetória dos cangaceiros.

Ora, a questão suscitada é: Por que Lampião e Jararaca? Mário e Cascudo? Primeiramente, o recorte em torno dos dois cangaceiros se deu primeiramente, porque Lampião é posto como os dos grandes nomes do Cangaço, sinônimo de medo, terror, valentia e crueldade. Virgulino Ferreira da Silva é evidenciado não para ser exaltado, mas para que sua trajetória possa ser marcada pela derrota em Mossoró. Eis, a estratégia do livro de Vingt-un ao trazer as cantorias e os versos organizados por Mário na década de trinta. Já Jararaca, por representar o testemunho da resistência, colocado como símbolo da tradição do heroísmo dos mossoroenses contra o bando de Lampião, se tornando inclusive, lendária a sua morte, como aponta Câmara Cascudo:

Há mesmo uma lenda que diz haver no cemitério local, ao lado da sepultura do criminoso, uma árvore que geme nas noites de chuva e chora toda vez que alguém se lhe toca.

A verdade é que Jararaca morreu no Cemitério de Mossoró com um tiro de fuzil na cabeça. Quando o empurraram para a cova, que não fora aberta por ele, já estava morto. Sepultaram-no ali mesmo. Uma cruz de madeira, pintada de verde, indica o local. (...)

E junto ao túmulo anônimo, uma árvore chora dentro da noite a lembrança da hora trágica. (CASCUDO, 1997, p.77)

A lenda que Câmara Cascudo retrata nesse trecho diz respeito à questão em torno da morte de Jararaca que até hoje, em Mossoró, é lembrado por algumas pessoas através da visita ao seu túmulo no dia de finados.

Há, contanto, diferenças entre as abordagens de Mário e de Cascudo sobre Lampião. Enquanto no primeiro há um encantamento pela figura de Lampião tido como um mito da cultura popular, gerador de uma literatura oral e coletiva, o segundo, contrariamente, olha o referido cangaceiro com menos intensidade e com juízo de valor, considerando Lampião um assassino. (CASCUDO, 1954)

Eis o motivo pelo qual, o livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980) não faz referência nenhuma a Lampião, somente ao cangaceiro Jesuíno Brilhante. Enquanto Virgulino Ferreira da Silva é assassino e criminoso, não correspondente a figura romântica do sertanejo, Jesuíno Brilhante é colocado como herói, fruto da produção idílica da sociedade sertaneja. Há uma distância incalculável entre Jesuíno e Lampião, assinala Cascudo. (Idem, 1980, p.74)

Embora, Luís da Câmara Cascudo não tenha destacado, como fez com o evento da Abolição da escravidão em Mossoró, a resistência mossoroense a Lampião em 1927, postando poucas páginas no livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), suas notas avulsas, seus comentários e as cantorias organizadas por ele sobre a temática do cangaço e dos cangaceiros, foram apropriadas e selecionadas por Vingt-un no livro *Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca*(1997) para dar uma identidade histórica ao evento da derrota de Lampião em Mossoró. Em relação às comemorações da abolição em Mossoró, as festividades o em torno da resistência é mais recente, daí a justificativa para se entender porque Cascudo não destinou uma análise demasiada e em separado para o referido acontecimento histórico mossoroense. Mesmo assim, as cantorias organizadas por Mário e Cascudo são ordenadas em conjunto, num livro específico, no qual serviu como suporte intelectual para a construção de uma identidade história para a cidade de Mossoró.

Tais identidades são evidenciadas e construídas ao longo das décadas de cinquenta até oitenta. Na década de oitenta, como citamos anteriormente, há uma diferenciação na produção da identidade mossoroense. Neste período o enfoque extrapola os limites citadinos de Mossoró para recolocá-la como centro polarizador da região Oeste, sobretudo, a partir de uma escrita da história organizada por Vingt-un que utiliza os artigos de Cascudo, sobre Mossoró e as cidades adjacentes, para publicar o livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980).

A proposta de escrever sobre os municípios circunvizinhos a Mossoró tem como objetivo fazer desta cidade um pólo influenciador na medida em que a projeta como um espaço que determina a história, a geografia, a política e a economia da região Oeste. Sendo assim, Mossoró se torna o centro de toda uma espacialidade regional, situado no plano da cidade e região, cuja relação Câmara Cascudo desenvolve na sua narrativa histórica.

A escrita cascudiana se encarrega de construir uma narrativa que destinasse a Mossoró um espaço centro e influenciador, circunscrevendo uma relação de polarização política, social, histórica e econômica. Ao falar da Região, Cascudo passa a impressão de que olha do alto a cidade do Mossoró. Ao dizer desta, convence o leitor de que está focalizando a região e alhures, tornando-a epicentro de toda a região Oeste. (ARAÚJO, 2003, p.198)

Obviamente que Cascudo trabalha a temática da região mossoroense a partir da centralidade atrelada em Natal. Este centralismo a partir de Natal é anterior a Luís da Câmara Cascudo, tendo em vista que esta estratégia identitária já vinha sendo construída desde o início do século XX através dos discursos historiográficos produzidos pelos intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,⁶ diferentemente da construção dos Rosados, dos anos cinquenta em diante, que parte de Mossoró para ver o Estado. Desse modo, Cascudo vê a produção da identidade espacial do Estado a partir de Natal. Seu olhar parte da centralidade natalense e toca a região mossoroense como parte integrante dessa produção. Distintamente, os Rosados vão se utilizar de um conjunto de saberes, a história, a geografia, a etnografia, a paleontologia, para demarcar uma singularidade e uma identidade outra em relação ao Estado, inclusive, se valendo da própria escrita cascudiana para esse fim.

Embora parta de uma construção identitária do Estado a partir de Natal, os relatos historiográficos de Luís da Câmara Cascudo sobre o município mossoroense e região delimitam e demarcam um lugar para a cidade produzindo uma visibilidade e uma texturologia para Mossoró. Sua escrita constrói textos que instituem uma dada maneira de ler e ver a cidade, não só com ares urbanos, mas que sobrevoa o mundo citadino, sendo recolocada em outro nível de espacialidade, a de região.

⁶ Para o historiador Renato Amado, o discurso sobre a espacialidade e sobre a identidade norte-riograndense foi perpetuado por meio de construções historiográficas produzidas pelos integrantes da organização familiar Albuquerque Maranhão ligados a cidade do Natal, a partir de certos lugares que o legitimaram e o prestigiaram. Para o referido historiador, a instituição desse discurso “disponibilizou Natal como elementos narrativos da construção historiográfica, constituindo, deste modo, uma espacialidade e uma identidade norte-riograndense que se sobrepunha as outras construções concorrentes que se esboçavam então a partir de outros lugares de produção e enquanto estratégias de outras organizações familiares no Rio Grande do Norte.” (PEIXOTO, no prelo, s/d)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2009

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ANDRADE, Manuel Correia de. *A produção do espaço norte-rio-grandese*. Natal: Editora Universitária.

ARAÚJO, Douglas. Mossoró, Região e Cidade. In: *SILVA, Marcos (Org.). Dicionário Crítico de Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFURN; Fundação José Augusto, 2003

BARROSO, Gustavo. *Heróis e Bandidos: os cangaceiros de Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954.

_____. *Mossoró, região e cidade*. Mossoró: Editora Universitária/Coleção mossoroense. 1980.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. “*Mossoró não cabe num livro*”: *Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense*. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal. 2011.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país” de Mossoró*. João Pessoa: Grafset, 2001

PEIXOTO, Renato Amado. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: *História, poder e espaços: nas trilhas da representação*. Natal: EDUFURN. No prelo.

ROSADO, Vingt-un. *Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca*. Série C. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Co-edição

ETFRN-UNED; Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN, 1997. (Coleção Mossoroense, série C).

_____. *Subsídios para a história da saga mossoroense de 12 Congressos Científicos*. Mossoró: ESAM, 1988.